

AS ARTES VISUAIS COMO MEDIAÇÃO NA SUPERAÇÃO DA HIPERATIVIDADE: UM ESTUDO DE CASO ¹

Luzita Maria Erichsen
Ana Luiza Ruschel Nunes

Resumo

Este artigo teve como objetivo alertar pais e professores sobre a necessidade de saber identificar os alunos portadores do TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, pois a hiperatividade está presente em grande número na população infanto-juvenil em fase escolar. Pretende-se revelar as dificuldades de aprendizagem do hiperativo e apontar maneiras de superação das mesmas por meio do fazer artístico. A abordagem foi qualitativa através de um estudo de caso com um aluno em específico. Utilizou-se na coleta de dados, a observação e entrevista semi-estruturada. Foi embasado nos autores, Barbosa (2003), Topczwski, (1999), Schwartzman, (2001) e Trivinos(1987) e foi utilizado adicionalmente como fundamentação teórica, bibliografia pertinente ao assunto que contemplou as necessidades de pesquisa.

Palavras-chave: Artes Visuais, educação, mediador, Hiperatividade, déficit de atenção

Abstract

This article, aimed to alert parents and teachers about the need to identify the students with knowledge of ADHD (Attention Deficit Hyperactivity Disorder), because the hyperactivity is present in large numbers in the juvenile population in school age. It was intended to conduct this research reveal the learning difficulties of hyperactive and point to ways of overcoming them through art making. The methodology used as a tool: a case study of one student in particular, data collection, observation and semi-structured interview. It was based on the authors, Barbosa(2003), Topczwski(1999), Schwartzman(2001),, and Trivinos (1987) and was also used as a theoretical basis, subject to the relevant literature that meet the demands of research.

Keywords: Arts Visuais, Education, mediator, Hyperactivit, Attention Deficit

¹ *Artigo como resultado de projeto de pesquisa realizado em 2010/2011.

Introdução

Este estudo surge na disciplina de Metodologia da Pesquisa em Arte II, e na aprendizagem da pesquisa em artes plásticas e seu ensino. Ao observar minha trajetória, essa temática tem suscitado reflexões, e percebeu-se que a mesma vem causando angústia em pais e educadores. Trata-se do TDAH, ou seja, Transtorno do déficit de Atenção e Hiperatividade, que é um funcionamento mental caracterizado pela seguinte tríade de sintomas: desatenção, impulsividade e hiperatividade ou excesso de energia. No cotidiano escolar o professor enfrenta várias dificuldades, questões de comportamento, crianças advindas de vários contextos sociais, culturas diferentes, falta de estrutura e entre outros.

A criança portadora do TDAH demonstra com mais precisão as características da doença em idade escolar e o profissional da educação poderá contribuir e ser mais um profissional indicado para encaminhá-las para um diagnóstico especializado deste problema devido a sua convivência diária com estes alunos em situações grupais. Estas crianças rotuladas erroneamente como crianças sem limites precisam apenas de ser observadas e tratadas com maior atenção por parte dos educadores. Hoje em dia muito se fala em arte-educação, porque não fazer da atividade artística na escola, um instrumento que possa ² minimizar os problemas da hiperatividade, auxiliando na falta de concentração e desta forma ampliar a qualidade educacional? A atividade artística ou o prazer estético estimula áreas cerebrais que geram emoções de euforia e bem estar e também a capacidade de mudar padrões mentais. Um ensino

² Toda vez que estiver usando a sigla TDAH, estarei me referindo a Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade.

artístico adequado faz aflorar inúmeros estágios psíquicos e cognitivos, idéias para o aprimoramento humano. O TDAH é causado por um mau funcionamento da neuroquímica cerebral, estudos confirmam que há uma alteração metabólica principalmente nas regiões pré-frontal e pré-motora do cérebro. Como a região pré-frontal é a principal reguladora do comportamento humano, falhas no funcionamento bioquímico desta região levariam às alterações encontradas no TDAH. Mas o que fazer se a grande maioria dos profissionais da educação não possui capacitação para diferenciar a hiperatividade de um comportamento indisciplinado? Ou quando os pais não sabem lidar com o problema ou mesmo percebê-los em seus filhos? Mas na maioria das vezes não é o que acontece, principalmente em se tratando de escolas públicas que enfrentam dificuldades estruturais e tantos outros problemas. Este questionamento, esta inquietação a respeito deste tema é o que me propôs a fazer esta pesquisa como forma de alertar pais e professores sobre a necessidade de identificá-los e encaminhá-los para tratamento especializado. Pois penso que é preciso aprender urgentemente a respeitar e saber lidar com as diferenças para não fazer do TDAH, mais um objeto de exclusão e evasão escolar.

O tema é de relevância, pois, a hiperatividade está presente em grande número na população infanto-juvenil em fase escolar. Ocorre indiferentemente em etnia, níveis de escolaridade, graus de inteligência e condições sócio-econômicas. Estudos recentes sugerem que a proporção de meninos é maior do que em meninas. A maior preocupação está na vida escolar destas crianças, pois não conseguem cumprir com suas obrigações escolares de maneira satisfatória, pela tendência à desorganização e à distração e durante a adolescência, algumas das características do TDAH podem ser exacerbadas, como a impulsividade,

que aliada aos conflitos próprios da idade, pode gerar rompantes de agressividade. Pretendeu-se ao longo da pesquisa destacar os comportamentos indicativos do TDAH que possam ser identificados por pais e profissionais da educação. Pois a detecção destas características pode influenciar no desenvolvimento emocional, social e educacional do aluno.

A própria palavra hiperatividade quando mencionada no ambiente social traz consigo muitos estigmas. É o prelúdio de toda a problemática. Anuncia o que está por vir e assusta os menos avisados. Saber detectar os comportamentos “indicativos” auxiliará no desenvolvimento emocional, social e educacional do aluno.

Considerando a grande demanda de crianças com TDAH na escola e seus problemas de ajustamento, têm-se o intuito de verificar se a atividade artística pode atuar como mediadora para minimizar os problemas enfrentados por pais e professores em sala de aula. Segundo, ²BARBOSA (2003), o TDAH é um transtorno químico, causado pela baixa de dois neurotransmissores: a dopamina e a noradrenalina. Essa alteração diminui a ação filtrante do lobo frontal (ver imagem 1e 2, http://vetneuro.files.wordpress.com/2009/06/c_rebro).

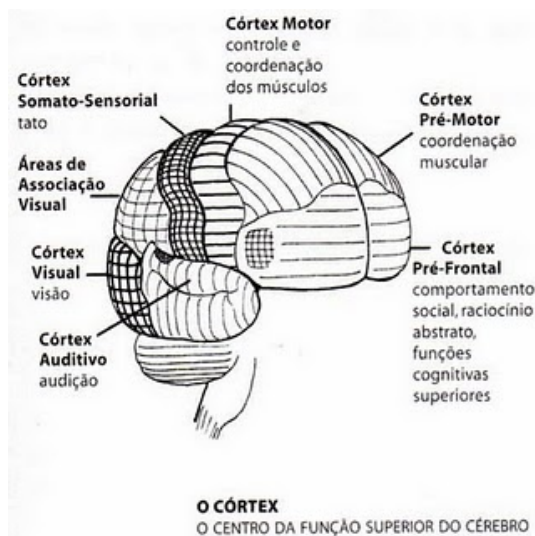
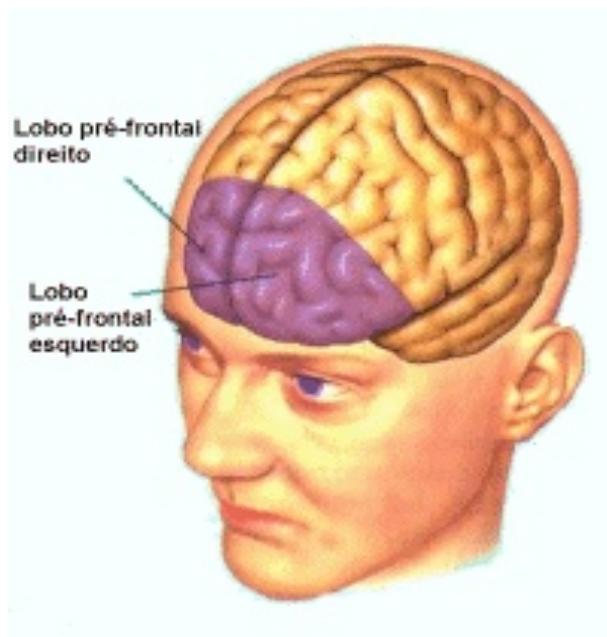


Imagem 1 : Localização do lobo frontal

Fonte: http://vetneuro.files.wordpress.com/2009/06/c_rebro/ acesso em 04 /09 / 2010).

Imagem 2. O Cortex-O centro da função superior do cérebro

Fonte: http://vetneuro.files.wordpress.com/2009/06/c_rebro/ acesso em 04 /09 / 2010).

Os portadores deste transtorno têm grandes dificuldades de ajustamento no período escolar. De acordo com pesquisas feitas pela

autora, um terço ou mais de todas as crianças ficarão para trás na escola, no mínimo uma série, durante a sua carreira escolar, e até 35% dessas crianças acabarão por receber algum grau de serviços formais através de programas de educação especial, como salas com recursos, e até 10% poderá passar todo o seu dia escolar nesses programas. Complicando esse quadro, existe o fato de que mais da metade de todas as crianças com TDAH também apresentam sérios problemas de comportamento opositivo. Isto ajuda a explicar porque entre 15 a 25% dessas crianças serão suspensas ou até expulsas da escola devido a problemas de conduta.³

E de acordo com a pesquisa feita por ³TOPCZEWSKI (1999), o percentual de crianças com hiperatividade chega a 10%⁴ no pré-escolar e 4,5% no escolar. Segundo o autor, a cognição significa a aquisição de conhecimentos e a criança hiperativa apresenta esta função alterada, pois o seu comportamento hiperativo acarreta a dispersão e a desatenção, tendo como consequência a impossibilidade para o aprendizado satisfatório. Segundo o médico ⁵José Salomão, a neurologia tem muito a contribuir, pois tem como objeto de estudo, o conhecimento da função do sistema nervoso.

⁵BARBOSA, B. A.; médica psiquiatra, com pós-graduação em psiquiatria pela UFRJ, presidente da AEDDA- Associação dos Estudos do Distúrbio do Déficit de Atenção (SP)

³ TOPCZEWSKI.A.; Mestre em neurologia pela USP e neuropediatra do Hospital Israelita Albert Einstein.

⁴José Salomão Schwartzman, médico neuropediatra, Doutor em Neurologia Clínica pela Escola Paulista de Medicina, Professor do Curso de Pós-Graduação da Universidade Mackenzie.

Este conhecimento pode e deve reverter em benefício dos portadores de necessidades especiais na forma de procedimentos e métodos educacionais e terapêuticos idealizados a partir do conhecimento da função neural na saúde e na patologia. Seria desejável que todos os alunos estivessem incluídos e adaptados à escola normal, mas, sabe-se perfeitamente que certos tipos de prejuízos impedirão que esta inclusão se faça com vantagens para o aluno. Depende não apenas dos limites impostos pela condição de base, mas também das facilidades existentes na comunidade à qual o aluno pertence. Acontece que uma parte dos professores, diretores, e equipe de apoio, não tem o devido conhecimento sobre o TDAH. Com o professor sem saber o que fazer nem como lidar com estas crianças, (pois geralmente os professores são desmotivados, mal pagos e ainda desconhecedores dessa questão), enfrenta salas superlotadas, não conseguem o desenvolvimento adequado deste percentual de alunos.

O percentual restante não conseguem nem ao menos serem alfabetizados, que inevitavelmente ao faltar estrutura familiar que possa funcionar como seus “freios inibitórios”, vão evoluir para evasão escolar, droga e delinqüência. Temos que aprender a lidar com estas crianças, conhecer suas limitações, respeitá-las e com criatividade descobrir como ela aprende melhor. A tendência de pais, professores e diretores de escola é entender o comportamento destas crianças como desobedientes e desinteressada e insistirem a valorizar as melhores crianças, valorizando no trabalho escolar a transmissão de conhecimento e a produção do trabalho escrito, valorizando mais a quantidade em detrimento da qualidade.

O que parece acontecer na vida adulta, entretanto, é uma diminuição dos sintomas da hiperatividade, permanecendo os sintomas

de desatenção e impulsividade. É uma grande dificuldade para a criança hiperativa quando ela entra na Educação Infantil em seus primeiros níveis, e precisa agora aprender a lidar com as regras, estruturas e os limites, e o seu temperamento simplesmente não se ajusta muito bem com as expectativas da escola.

Observando que o fazer artístico criativo faz aflorar inúmeros estágios psíquicos e cognitivos ideais para o desenvolvimento e aprimoramento humano buscam-se conhecimentos e informações no fazer artísticos que proporcionem melhorias no trabalho do professor e uma interação entre as crianças hiperativas com as demais dentro da sala de aula. A ludicidade é uma atividade que têm valor intrínseco e pode ser usada como instrumental pedagógico no processo ensino-aprendizagem e sendo uma atividade física e mental, aciona e ativa as funções psico-neurológicas e as operações mentais, estimulando o pensamento. O hemisfério direito é responsável pelas funções de imaginação criativa, serenidade, visão global, capacidade de síntese e habilidades visuo-espaciais, funções estas aplicadas em atividades expressivas. O hemisfério esquerdo é responsável por organizar todas estas funções num sentido lógico, pragmático, organizado e com significado.

Através de técnicas variadas de arte, pode-se estimular o lado direito do cérebro e buscar a integração destas duas áreas, equilibrando o uso de potencialidades e ativando a flexibilização do pensar e a capacidade de abstração e associação. O ideal é que seja utilizado todo o potencial do cérebro. Os benefícios são maiores quando se estimulam diversas áreas do cérebro, ajudando os neurônios a fazerem novas conexões, ampliando as interconexões de diversas redes cognitivas quanto à transmodalidade e diversificando assim novos campos e novos potenciais e a arte traz esta possibilidade, as quais são várias como:

desenho, pintura, gravura, fotografia, colagens, tecelagens, esculturas e artesanato. Tem sido proposto que o TDAH seja visto mais como um transtorno de adaptação do que uma doença estática, pois, a dificuldade de focalizar a atenção, hiperatividade e a impulsividade somam-se como desvantagens em situações em que a manutenção da atenção focalizada e o controle motor dos impulsos são necessários.

Crianças com TDAH sofrem um alto índice de rejeição de seus colegas, em conseqüências dos prejuízos nas habilidades sociais. Uma vez que os colegas percebem que ela perturba as atividades em grupo, seja nos trabalhos de equipe, seja nos esportes, ela deixa de ser convidada, quando não deixada propositadamente de lado nessas ocasiões. A rejeição social é um fator que nos permite prever a ocorrência da delinquência, abandono dos estudos, e má adaptação na vida adulta. A informação e a conscientização do paciente e dos familiares são o primeiro passo no tratamento e muitas vezes o mais importante de todas.

A escolha de uma escola para uma criança com este transtorno deve seguir alguns critérios como: escolas que levem em conta as diferenças individuais de aprendizagem e que apresentam alguma possibilidade de adaptar o método de ensino às necessidades da criança. Escolas que utilizem critérios diversificados ao avaliar o aluno e que considerem seus progressos individuais em vez de compará-lo à média da turma. Que saibam adaptar algumas tarefas para amenizar os efeitos mais prejudiciais do transtorno. Que evitem salas com muitos estímulos (é a primeira providencia que deveria ser tomada). Não deixem alunos com TDAH próximos a janelas, pois, pode prejudicá-los, uma vez que o movimento da rua ou do pátio é um fator de distração. Que trabalhe com pequenos grupos, que favoreça a concentração. Já a energia típica

destas crianças pode ser canalizada para funções práticas na sala, como distribuir e organizar o material das atividades. Que saibam reconhecer os momentos de exaustão considerando a duração das tarefas. Propor intervalos em leituras longas ou sugerir uma pausa para tomar água após uma sequência de exercícios, (por exemplo, é um caminho para o aluno retomar o trabalho quando estiver mais focado).

De resto, vale sempre avaliar se as atividades propostas são desafiadoras e se a rotina não está repetitiva. Esta, aliás, é uma reflexão importante para motivar não apenas os estudantes com TDAH, mas toda a turma. (SCHWARTZMAN, 2001).

Criança com TDAH: Um estudo de caso em escola

A pesquisa tratou dos problemas da hiperatividade em três aspectos. O primeiro foi no âmbito educacional auxiliando os educadores a detectar os indicativos da hiperatividade de forma que pudessem ter parâmetros para poderem trabalhar com seus alunos de maneira mais significativa. Também alertar os profissionais envolvidos nos trabalhos com os alunos, evidenciando a necessidade de repensar, avaliar e possivelmente modificar a relação estabelecida entre o professor e o aluno. O segundo aspecto foi auxiliar os pais de crianças hiperativas, tanto na aceitação do problema e como lidar com o mesmo. O terceiro aspecto foi investigar e pontuar como o fazer artístico pode auxiliar na superação ainda que parcial, da hiperatividade.

Para responder os requisitos mais importantes da pesquisa foi usado como instrumentos de coleta de dados: análise documental, um estudo de caso, de um aluno em específico, observação e entrevista semi-estruturada, partindo de questionários básicos apoiados em teorias

e hipóteses da pesquisa e que em seguida ofereceram um amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que surgiram à medida que se receberam as respostas dos informantes. Os questionários estruturados foram seguidos a risca pelos entrevistados.

Os procedimentos tiveram início com a elaboração do termo de consentimento para fins de pesquisa. Nele constou informação sobre a pesquisa, os objetivos, duração do envolvimento, a confiabilidade e a ética a ser seguida, a voluntariedade, o consentimento e a autorização propriamente dita. No caso do estudo de caso o procedimento foi direcionado aos responsáveis, por se tratar de menor de idade. As observações do comportamento da criança em questão foram realizadas no seu ambiente escolar no Colégio São José Educação Infantil, Fundamental e Ensino Médio em Ponta Grossa, Paraná, com o consentimento da direção, dos pais e com o acompanhamento da pedagoga desta Instituição.

A análise documental realizada como possibilidade investigativa cumpriu a missão de validação das informações obtidas durante a entrevista semi-estruturada feita com a mãe da criança. Foram analisados documentos apresentados pela mesma, como o histórico educacional e a anamnese feita pelo profissional que a acompanha. Analisou-se os documentos referentes a uma criança de 14 anos, sexo masculino, o segundo de três irmãos e apenas ele apresenta o transtorno. Pela análise concluiu-se que foi diagnosticado por profissional da área da saúde (pediatra) logo no início de sua vida escolar quando tinha 7 anos, e desde então vem sendo acompanhado por psicólogo, neurologista, regularmente.

A criança em questão apresenta um histórico familiar em TDAH. Seu avô materno e sua mãe possuem o transtorno ficando aqui

evidenciado à sua predisposição genética. A problemática do TDAH neste caso necessitou ser duplamente analisado, para que fosse possível chegar a uma conclusão plausível.

A criança hiperativa necessita ser educada dentro de um ambiente organizado, com rotina e horários preestabelecidos. De acordo com o especialista, um hiperativo tem grande dificuldade de se organizar, por isso, é importante que os pais compreendam a doença, e que a família organize a rotina geral da casa e faça parte do tratamento comportamental do TDAH, que exige um ambiente organizado.

Quanto a análise e acompanhamento da criança pesquisada, o “quesito” da necessidade de organização do ambiente é deficitário, pois, a mãe da criança em questão possui o transtorno e não consegue esta adequação na ordem familiar. Um dos problemas observados é que a mesma não faz um tratamento adequado com assiduidade, isto é, não tem o acompanhamento de um psiquiatra para o seu autoconhecimento e possível tratamento com medicamentos de uso regular.

Quando o adulto compreende seu próprio distúrbio têm maior facilidade de compreender as conexões entre diversos sintomas e empreender ações que os limitem, reduzam ou eliminem e isto não está acontecendo com a mãe da criança o que ocasiona implicações também na organização de seu próprio filho que necessita dessa organização como um hábitus cotidiano de organização de sua vida. No entanto no que se refere ao seu filho, o tratamento é diferente. A criança possui acompanhamento psicológico, neurológico e suporte da coordenadoria pedagógica da escola. Mas como a mãe não faz um tratamento adequado isto acaba por refletir de maneira negativa no acompanhamento de seu filho, demandando mais tempo para que se consiga o progresso do mesmo. Mesmo com tantos percalços a criança vem apresentando

avanços na vida escolar em relação ao ensino-aprendizagem, com uma melhora significativa em suas avaliações de aprendizagens. A criança faz uso do medicamento denominado *ritalina* e depois desse medicamento, teve uma melhora em seu comportamento e maior atenção em suas atividades escolares. Mas ainda, há um longo caminho a percorrer, embora o primeiro passo já tenha sido dado, que foi o diagnóstico precoce da criança e as primeiras providências tomadas. Mas para que o desenvolvimento ocorra de maneira efetiva necessita-se com urgência de uma terapia familiar, para que a família toda aprenda a lidar com o problema minimizando a angústia, as brigas e o stress que isto lhes causa.

Por outra forma, ao seguir a pesquisa com entrevista realizada com a mãe da criança, o pesquisador intencionalmente coletou as informações através de sua fala. Foi realizada no ambiente residencial da mesma, para poder perceber o todo espacial e ambiental e sua organização, com o objetivo de ampliar a identificação das dificuldades da criança ocasionadas por seu transtorno, numa proximidade e percepção do espaço familiar “in loco”. Assim, a mãe relata que a criança deixa de prestar atenção a detalhes e comete erros por descuido em atividades escolares e que isto acontece com freqüência. Tem dificuldades para manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas. Nos dias em que está mais agitado, parece não escutar quando lhe dirigem a palavra, principalmente quando não é do interesse dele. Como está sendo medicado com *ritalina*, ele já consegue seguir algumas instruções, mas mesmo assim faz pela metade. Diz que a criança apresenta dificuldade para organizar tarefas e atividades, pois é totalmente desorganizado. Ainda a mãe destacou que é necessário fazer um esquema para que ele

possa segui-lo, por exemplo: primeira atividade, segunda atividade, e assim por diante.

Em relação ao ensino, as disciplinas que ele gosta as realiza sem protestos, mas possui grande dificuldade nas áreas exatas, que necessitam de maior atenção nos cálculos. Também destaca que devido ao transtorno, perde coisas necessárias para realizar tarefas, como lápis, borracha, livros e outros e por esta razão a mãe não compra mais objetos caros.

Por ser uma criança que tem acompanhamento psicológico e toma medicação regularmente, vem apresentando melhora e progresso, pois não é mais facilmente distraído por estímulos externos ou alheios as tarefas. Mas apresenta esquecimento em atividades diárias, precisando ser lembrado o tempo todo do que ele tem para fazer. A mãe relata que é uma criança agitada, que não para quieto, agitando as mãos e os pés com frequência e fala muito. Salaria também que ele vem melhorando paulatinamente, pois tem acompanhamento desde os 7 anos. E este ano de 2010, apresenta-se mais amadurecido, o que foi ressaltado por professores e coordenador da escola, em que estuda. É uma criança que não possui muitos amigos, mas é estimado pelos professores. Costuma dar respostas precipitadas antes de as perguntas terem sido completadas, sempre antecipando falas nas conversas alheias. Fala o que lhe vem a cabeça, deixando os pais em situação desagradável. Os primos e parentes nem sempre o convidam para participar de reuniões e brincadeiras. O pai costuma levá-lo para andar a cavalo e neste momento ele fica extremamente quieto e concentrado.

Nessa direção em que a mãe se expressa em relação ao filho pode-se inferir, que há evidências de prejuízo significativo na vida social desta criança, porque muitas vezes chora por ser e estar muito sozinho, e

sofre as implicações, embora a criança esteja sendo tratada fica numa situação desamparada, pelo não tratamento psicológico da mãe.

Ainda foram realizadas observações para melhor compreensão da criança e dos processos vividos. Essas observações aconteceram no espaço escolar da mesma. A sala de aula não estava superlotada e tinha boa condição física. Fiz quatro observações em sala de aulas, (de disciplinas diferentes) por dia (durante três dias) totalizando um acompanhamento de doze horas, sem intervenção e participação, e sim apenas de observadora, situando-me na última carteira para não chamar a atenção das crianças, sendo que cuidei até do meu vestuário mantendo uma postura discreta.

A criança observada sentava-se na terceira carteira da segunda coluna da direita da parede. Esta fila estava próxima a porta e longe das janelas. Esta aula de ensino e aprendizagem de Artes foi a primeira da manhã e iniciou-se as 7:05 min. Aparentava-se calmo e parecia estar com sono, pois bocejava a todo momento. O professor era comunicativo e se expressava em tom alto. Percebi que ele interagia com as brincadeiras do professor e obedecia as solicitações que ele fazia. O tema da aula foi sobre eleição e analfabetismo e problemas do cotidiano. O professor lançou proposições em que cada aluno elaboraria um trabalho fazendo representações em artes visuais, através de desenhos sobre o assunto. A criança começou o seu trabalho, quieto, conversando apenas com o colega ao lado. Percebi que ele se comportou de maneira diferente, pois segundo o relato de sua mãe, é uma criança agitada e ele não apresentou estado de agitação, parecia estar sabendo que estava sendo observado. Os alunos de modo geral, conversavam bastante, mas sem gritaria e segundo relato do professor, esta era a turma mais agitada da mesma série. (a, b e c) e que havia outros alunos com hiperatividade na sala em

grau mais elevado do que a criança observada, sendo que uma delas não toma nenhum medicamento e a mãe não toma conhecimento do problema da criança, argumentando que isto passa com o tempo. O segundo aluno com dificuldade de aprendizado necessita de ser chamada a sua atenção o tempo todo, pois agita constantemente o andamento da aula, causando problemas de atenção e concentração dos colegas. O terceiro aluno toma medicação regularmente e o dia que não toma, o professor disse que é nítida a diferença. O quarto aluno tem déficit de atenção e não apresenta hiperatividade, mas fica o tempo todo perguntando: o que o senhor disse professor? Como é mesmo que o senhor explicou? Esqueci!

A criança observada sempre levantava para emprestar material dos colegas, pois como disse a mãe, sempre perde os seus materiais e se desorganiza, precisando do material dos outros colegas.

Na aula da disciplina de português: Houve uma prova da professora Mônica, com consulta sobre o livro Dom Quixote. Esta professora tem uma forma de atuação que chama a atenção dos alunos e, portanto tem o domínio sobre a turma, é exigente, fala baixo e compassadamente sem dar tempo para que as crianças questionem. A criança observada conseguiu fazer a prova segurando o livro sobre uma das pernas. De vez em quando agitava a perna direita e olhava para a professora. Foi o sexto aluno a terminar a prova. Percebi que foi difícil para ele esperar os outros terminarem para que ele pudesse sair. Olhava para os lados, agitava as mãos e se mexia constantemente na carteira. A professora desta disciplina relatou que a postura dela é diferente com esta turma, por serem muito agitados e por contar com cinco alunos que apresentam estes transtornos. Pode-se inferir que os portadores de TDAH são inteligentes, ativos e criativos que precisam ser direcionados para

atividades adequadas ao seu modo de ser. O professor não tinha conhecimento mais aprofundado sobre a questão da hiperatividade, e nesse sentido o processo de ensino aprendizagem se dava de forma normal sem estar ligada a conhecimentos e procedimentos necessários com crianças com TDAH.

Professores e alunos: Hiperatividade em sala de aula - saberes e práticas intuitivas

Os professores de modo geral, não possuem formação para detectar problemas de Hiperatividade em seus alunos, até porque não é sua função e formação, mas poderiam ter conhecimento para identificar crianças com problemas como o da hiperatividade, em sala de aula para posterior encaminhamento aos profissionais da área.

Ao aplicar o teste com a professora, tendo como objetivo saber se por meio dele, a professora conseguiria identificar posteriormente possíveis alunos com características da hiperatividade. Este teste foi baseado em modelo originalmente desenvolvido pela Nutritional Test – EUA, que é uma empresa especializada na elaboração de testes de saúde. Os resultados dessa investigação foram grandes resultados como a descoberta, após sua aplicação com as crianças- cinco alunos de escola, que apresentaram características do transtorno.

Esse instrumento apresentado em forma de questionário foi então aplicado aos educadores e teve como objetivo investigar e revelar se os profissionais da educação possuem preparo para identificar possíveis alunos com transtorno comportamentais. Foi aplicado nos ambientes de trabalho de cada profissional sem a identificação dos mesmos. Foram entrevistados seis profissionais da área educacional de diferentes

instituições, e estes atuam como professores entre dez a vinte e oito anos. Possuem em média 32 alunos. Todos informaram que já tiveram alunos que apresentaram características de algum tipo de transtorno de comportamento. Quando foram questionados se tinham algum conhecimento sobre TDAH, a maioria relatou que apenas superficialmente. Não souberam responder sobre a dificuldade de trabalhar com o aluno TDAH, ficando constatado que a maioria do profissional não tem muito conhecimento e não possuem preparo para fazer um trabalho adequado, visando o desenvolvimento e avanços dos alunos. Alegaram também que não recebem orientação profissional para saber como trabalhar e quais procedimentos serem usados com estas crianças. Destacaram ainda, que o pouco que sabem, foi por iniciativa própria a procura de informação sobre o assunto, e devido aos anos de experiência que a maioria dos entrevistados possuía conseguiram identificar algumas características. Alguns professores relataram que a coordenação motora fina, pelas suas constatações é prejudicada pelo estado de ansiedade e de agitação das crianças. Relataram também que as mesmas têm dificuldade de serem aceitas pelo grupo, principalmente quando são agressivos ou muito impulsivos, e ainda quando falam muito e andam pela sala.

Quanto a pergunta se a escola possui um proposta para alunos com TDAH relataram que não. E que eles como professores não tem uma proposta específica para estes alunos e que a proposta pedagógica é a mesma para todos, sem distinção. Todos os professores relataram que a escola não está preparada para trabalhar com alunos hiperativos, e que não há investimentos por parte da Secretarias de educação, a que estão vinculadas. Destacando ser necessário profissionais habilitados para trabalhar com os professores e os profissionais da educação, para melhor

qualificar o aprendizado dos alunos com transtorno de comportamento e na criação de estratégias que levem a solucionar os problemas enfrentados pela escola em relação a este e outros transtornos.

Há a necessidade de que o profissional da educação tenha um conteúdo e conhecimento mais consistente e aprofundado sobre o assunto com capacitação e perfil profissional. Outros professores disseram que o profissional da educação apresenta deficiência em sua formação e que a maioria não está preparada para trabalhar com transtornos.

Em relação a pergunta, se sabiam existir algum plano governamental no que tange a educação para orientação dos profissionais da educação, todos relataram que desconheciam qualquer iniciativa a este respeito, e mais uma vez pode-se inferir que os professores não estão preparados para trabalhar com alunos hiperativos. Percebe-se esforço e tentativas próprias de cada professor e nessa condição procuram remediar a situação problema em relação a uma atuação docente e educativa de melhor qualidade aos alunos com transtornos de comportamentos.

As artes visuais e percursi criativo da criança hiperativa: Uma contribuição

O processo de observação de como se dava o ensino e aprendizagem do fazer artístico, consistiu em analisar a importância da arte como mediadora na superação seja parcial ou total de dificuldades ocasionada pela hiperatividade em que alguns alunos tinham em especial do TDAH, objeto de investigação. Foi observado de forma mais intensa e em maior número de observações, que as atividades de Artes Visuais

conseguem manter a atenção dessas crianças por mais tempo, e auxilia no fortalecimento da identidade individual. Isto talvez se deva ao fato dela se sentir livre para produzir sem a pressão das regras que devem seguir nas outras disciplinas, pois ainda que a professora fizesse uma mediação e até intervenção o percurso de criação era autoral, ou seja, não exigia uma resposta fechada e sim trabalhava com o pensamento divergente, e deixava fluir as possibilidades de expressão. Com os procedimentos de trabalhos em Artes Visuais percebeu-se o quanto são importantes para a superação de dificuldades o que levou o educador em sua prática educativa à conseguir fazer a adequação das estruturas cognitivas da criança. Essas possibilitaram a expressão e a comunicação sem que a criança se sentisse punida e avaliada. Ainda assim houve um avanço da auto-estima dos alunos.

Concluiu-se que o fazer artístico é um excelente instrumento para minimizar os sintomas da hiperatividade e que pode e deve ser utilizado por professores, como possibilidade de alterar comportamentos e contribuir para buscar a qualidade de vida das crianças que possuem Transtorno do déficit de Atenção e Hiperatividade.

Um trabalho conjunto, isto é, um envolvimento entre pais, professores e a escola, minimiza as dificuldades de relacionamento e comportamento resultando num melhor desenvolvimento do aprendizado do aluno especial. É importante que os pais admitam que o filho seja hiperativo, pois, muitos justificam o comportamento agitado como sinal de esperteza ou inteligência e que por esta razão a criança está sempre em busca de novidades ou novas atividades. A arte, o fazer artístico, não precisa estar restrito ou sob a responsabilidade do professor e escola. Os pais podem também usar este importante instrumento em casa, pois, estará auxiliando o seu filho a reorganizar os seus conflitos internos. A

liberdade de criação sem cobranças estimula a autonomia o que propicia uma elevação na auto-estima. Ao ser utilizada a atividade "Surgindo do escuro" (que consistiu na primeira etapa utilizar o lápis de cera colorido preenchendo totalmente o papel de desenho e em seguida cobrindo com nanquim preto com a ajuda de um pincel e na etapa seguinte a criança com a ajuda de um palito de churrasco desenhou e riscou sobre o preto, deixando surgir assim as cores do lápis-cera que estão debaixo), foi observado que trouxe um resultado excelente, porque a criança na primeira etapa extravasou a sua agitação no rabiscar em todas as direções com várias cores de giz de cera e depois, como se censurasse a agitação do colorido cobriu-o todo com o nanquim preto. E na etapa que consistiu em fazer um desenho com uma ponta seca, raspando o nanquim ela colocou a sua atenção e organização para que surgisse o resultado de seu desenho final. Esta atividade individual e livre ajudou a canalizar a energia e a encorajar satisfação pessoal. Observou-se também que é importantíssimo prestar a atenção no potencial criativo destas crianças e o instrumento para isso é sem dúvida "o fazer artístico" porque ele é capaz de materializar as idéias prodigiosas das mesmas, ajudando-as a trabalhar seus sentimentos e emoções. E segundo BARBOSA (2003 p. 92) o funcionamento cerebral do portador de TDAH favorece o exercício da atividade mais transcendente que existe: a criatividade:

Se entendermos criatividade como a capacidade individual de ver os mais diversos aspectos da vida sob um novo prisma e então dar forma e corpo a novas idéias, será notado que a mente TDAH, em meio à confusão resultante do intenso bombardeio de idéias, é capaz de entender o mundo sob ângulos habitualmente não explorados. Assim, quando um DDA pensa, por exemplo, na palavra azul, ele é capaz de acionar um sistema visual derivativo que, a partir daí, torna possível ver o mar, céu, lazer, calma, descanso, paz, natureza, romance, música tranqüila, sol, calor, e assim por diante. Esse pensamento derivativo de aspecto visual muitas vezes é responsável por estados confusos e desatentos, mas por outro lado, é capaz de intensificar, de maneira bastante favorável, o processo de criatividade (BARBOSA, 2003).

Considerações em aberto

Ao término desta pesquisa sobre a arte como mediadora na superação da hiperatividade, mais especificamente sobre o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, percebe-se que continua deixando inseguros tanto pais como os professores. A grande maioria das escolas e seus profissionais não estão preparados para desenvolver uma prática educativa para uma melhor aprendizagem desses alunos com hiperatividade. Há falta de preparo de professores e orientadores educacionais como bem revelaram esses profissionais, que geralmente estão sobrecarregados e não conseguem buscar uma apropriação mais aprofundada no assunto, sem falar que é muito difícil conseguir dar atenção individualizada e acompanhar de perto as dificuldades de cada um. Com a política da avaliação por progressão continuada na escola, em que o aluno passa de ano automaticamente, mesmo que o aprendizado não tenha sido satisfatório. Ainda destacamos que muitas crianças só descobrem que tem o problema quando chegam muitas vezes na quinta-série e ainda não dominam a escrita e a leitura.

Embora detectou-se os problemas referente a problemática investigada, o professor continua tendo o papel fundamental na vida

escolar dos alunos e cabe a ele a possibilidade de reconhecer a dificuldade que este enfrenta na rotina escolar.

Orientar pais e professores sobre o que é o transtorno e como lidar com as crianças portadoras desse distúrbio, torna-se tarefa imprescindível dos profissionais que estão implicados com o cuidado destas crianças especiais, contribuindo com isso para o desenvolvimento de suas habilidades e formas de aprender, revelando talentos escondidos e despertando valores.

Cada criança é um ser humano único e importante. Respeitar essa individualidade, aceitar as diferenças dos diferentes em suas formas de pensar, de sentir, de agir e, principalmente, de aprender é um ponto básico na educação destes alunos. É preciso buscar alternativas e caminhos para essa nova realidade, atualizando as informações e competências para poder vivenciar este processo.

Concluiu-se também que a atividade artística , seja pintura, desenho ou qualquer outra forma de produzir e criar em artes visuais é um excelente conhecimento e fazer, tanto como uma ferramenta mediadora que pode ser utilizada para auxiliar a minimizar os sintomas da hiperatividade, como forma de humanização e cidadania de todos. Estimular a criatividade favorece a autonomia e estimula a construção da auto-estima e facilita a integração social da criança, fazendo com que aprenda a lidar com situações problemas novas, e possibilita o desenvolvimento do pensamento divergente. Pode-se perceber que a Arte evita a agressividade, a impulsividade que são características marcantes nessas crianças e conseqüentemente melhora a auto estima que geralmente é baixa, provocando novas posturas e atitudes individuais e sociais ,minimizando transtornos dos mais variados, e destacando em especial a hiperatividade..

Assim recomenda-se um programa de capacitação para os pais de crianças com TDAH, que freqüentemente necessita de ampla divulgação de informações, mas que com base na literatura estudada, destaca alguns pontos de uma série de estratégias que podem ajudá-los, como: compreender que, para poder controlar em casa o comportamento resultante do TDAH, é preciso ter um conhecimento correto do distúrbio e suas complicações; ser coerentes, previsíveis em suas ações e mostrar apoio as crianças em suas interações diárias, pois como foi dito, este não é apenas um problema que pode ser curado. O distúrbio afetará a criança durante toda sua vida; manter-se numa posição de intermediação entre a escola e outros grupos; dar instruções positivas; cuidar para que seus pedidos sejam feitos de maneira positiva ao invés de negativa; recompensar amplamente o comportamento adequado; crianças com TDAH exigem respostas imediatas, freqüentes, previsíveis coerentemente aplicadas ao seu comportamento; planejar adequadamente.; aprender a reagir aos limites de seu filho de maneira positiva e ativa. As regras devem ser claras e concisas. Atividades ou situações nas quais já ocorreram problemas. Devem ser evitadas atitudes de punir com violência. Porém compreendendo que a punição adequada só trará uma modificação de comportamento para a criança com TDAH, se acompanhada de uma estratégia de controle.

Enfim, os pais das crianças com TDAH devem acreditar que terão mais qualidade de orientação e mediação a partir do momento em que enfrentarem cada dia com uma atitude de tolerância e respeito a diferença, encorajamento, aceitação, e honestidade.

Aos professores o TDAH é com freqüência apresentado erroneamente como um tipo específico de problema de aprendizagem. Ao contrário, é um distúrbio de realização. Sabe-se que as crianças com

TDAH são capazes de aprender, mas têm dificuldades de se sair bem na escola devido ao impacto que os sintomas têm sobre uma boa atuação.

A impulsividade da criança com TDAH é anormal: não consegue parar de mexer nas coisas, diz coisas fora de hora, mesmo sabendo que não deveria dizê-las. Seus impulsos colocam-na em constantes conflitos com os pais, colegas e professores. Seu descontrole emocional é demonstrado pela irritabilidade, pela agressividade e pelo choro. Tem mudanças freqüentes e inesperadas de humor. Assusta-se e entra em pânico por motivos tolos. Algumas são retraídas, inibidas e frustram-se com facilidade; são incapazes de concentrar-se na ação; perdem o interesse quando utilizam materiais que exigem aprofundar idéias e conceitos.

Professores que possuam alunos que apresentam problemas de hiperatividade devem ter muita paciência e disponibilidade, pois eles precisam de muita atenção. A criança hiperativa geralmente possui baixa auto-estima pelo fato de apresentar dificuldades na concentração e os professores que não conhecem os problemas relacionados ao TDAH consideram-na com dificuldade de aprendizagem e rotulam muitas vezes como exemplo negativo para os demais alunos, em relação a aprendizagem e avaliação.

As atitudes que podem ajudar o professor é trabalhar com pequenos grupos, sem isolar as crianças hiperativas; dar tarefas curtas ou intercaladas, para que elas possam concluí-las antes de se dispersarem; elogiar sempre os resultados; usar jogos e desafios para motivá-los; valorizar a rotina, pois ela deixa a criança mais segura, mantendo sempre o estímulo, através de novidades no material pedagógico; permitir que elas consertem os erros, pedindo desculpas quando ofender algum colega ou animarem a bagunça da classe; repetir individualmente todo

comando que for dado ao grupo e fazendo-o de forma breve e usando sentenças claras para entenderem; pedir a elas que repitam o comando para ter certeza de que escutaram e compreenderam o que o professor quer. Dar uma função oficial às crianças, como ajudantes do professor; isso faz com que elas melhorem e abram espaços para o relacionamento com os demais colegas e mostrar limites de forma segura e tranqüila, sem entrar em atrito.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, B. A.; **Mentes Inquietas – TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade**. 15ª edição. São Paulo: Ed. Gente, 2003.

SCHWARTZMAN, J. S.: Transtorno de déficit de atenção. São Paulo: Ed Mackenzie, 2001

TOPCZEWSKI, A.; **Hiperatividade: como lidar?** São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 1999.

TRIVINOS, S. N. A.; **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

Imagem (1 e 2) disponível em: http://vetneuro.files.wordpress.com/2009/06/c_rebro/ acesso em 04 /09 / 2010).

Luzita Maria Erichsen

Artista plástica e acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PG - PR. Membro do GEPAVEC/CNPq.

Ana Luiza Ruschel Nunes

Doutora em Educação UNICAMP/SP (1997). Professora e pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Educação-Mestrado/Doutorado, da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. Vinculada ao Departamento de Artes, atua no Curso de Licenciatura em Artes Visuais- UEPG/PR. Membro da ANPAP e FAEB. Coordena Grupo de Pesquisa GEPAVEC – UEPG/CNPq.